

Ensino de Química e a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS): algumas reflexões.

Amanda Tavares Naves(IC)*, Hugo de O. Bazílio (IC), Márlon H. F. B. Soares(PQ).

amandaufg@yahoo.com.br

Universidade Federal de Goiás – Instituto de Química.

Palavras Chave: *educação especial, surdos, ensino de química.*

Introdução

Na última década os conceitos de inclusão foram amplamente discutidos e colocados em leis, resoluções e pareceres. No que diz respeito à educação inclusiva o Ministério da Educação implementou o Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade que visa disseminar a política de inclusão e apoiar o processo de construção e implementação de sistemas educacionais inclusivos nos municípios brasileiros. É necessário que sejam oferecidos aos professores subsídios para que venham a desenvolver esta prática inclusiva.

A educação para portadores de deficiência auditiva, embora amparada pela Lei¹, ainda está longe de ser significativa, principalmente no que se refere ao ensino de ciências. Considerando a importância do saber básico de tal área para o envolvimento do indivíduo com a sociedade, é imprescindível que este possua o mínimo de conhecimento e que tenha fundamentado conceitos básicos como massa, volume, densidade, substância entre outros.

A linguagem possui vínculo direto e indissociável com a construção do conhecimento pelo indivíduo, e segundo Góes² os surdos se envolvem de forma limitada com a língua portuguesa falada, mas apresentam, em sua maioria, momentos de utilização exclusiva da língua brasileira de sinais (LIBRAS). Com base nisso o presente trabalho tem como objetivo detectar como os surdos interpretam a linguagem química em seu universo, mais especificamente em relação a algumas palavras de uso comum na química, como átomo, molécula, massa, volume, entre outras. Para tal inferência, utilizou – se como instrumento de análise a observação participativa, além de conversas informais com professores (ouvintes) e alunos (surdos) de uma escola especial de Goiânia.

Resultados e Discussão

Uma característica marcante na educação de surdos é o elevado grau de interesse desses alunos, que freqüentam em um período escolas inclusivas da rede estadual e em outro período a escola especial como apoio pedagógico.

Observou-se que não existem sinais em LIBRAS específicos para a química, sendo que

estes só podem ser criados em assembleias nacionais ou regionais de surdos após um estudo do significado da palavra.

Como o instrumento de comunicação é restrito, não existem sinais para palavras ou conceitos tais como átomo, molécula, substância, elemento, etc. Por exemplo, há um sinal para água de beber, mas não há o entendimento de que a substância H₂O, apresentada pelo professor, é a mesma que eles bebem diariamente, pois há significados diferentes, o que dificulta o entendimento. Os professores limitam suas aulas em exemplos visíveis de fenômenos microscópicos, ou exploram somente o formalismo da química. Isso compromete o aprendizado do aluno, que acaba não possuindo nenhuma fundamentação conceitual, ou confunde o exemplo dado pelo professor como sendo o próprio conceito.

Além dessa deficiência lingüística, a educação química dos surdos ainda é bastante agravada pelo meio no qual o conhecimento tramita do professor ao aluno – o *intérprete* - que não possui nenhuma formação específica na área em que atua. Como a interpretação é simultânea à aula ministrada pelo professor, muitas vezes a informação que chega ao surdo é decorrente dos conceitos e do entendimento e interpretação do próprio intérprete e não do professor.

Conclusões

O ensino de química para alunos surdos ainda é bastante deficitário no Brasil, haja vista a falta de uma linguagem científica básica na linguagem brasileira de sinais, o que acarreta em uma educação não significativa e não inclusiva para esses alunos que mesmo assim demonstram extraordinário interesse pela aquisição de conhecimento bem como a sua inclusão efetiva na sociedade

Bibliografia

1. BRASIL, Lei 10436/2002: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais.
2. Góes, Maria C.R, de, **Linguagem, surdez e educação**. 3 ed, Ed. Autores associados. Campinas 2002.
3. Lacerda, Cristina B.F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. *Cad. CEDES*, Set 1998, vol.19, no.46.